

# 1. INTRODUÇÃO

A vantagem desse tipo de começo é que ele pode vir depois da última página.

Não daria para fazer uma introdução a este almanaque sem antes ter atravessado todo seu percurso. Parece óbvio. Ter que conhecer a coisa que se pretende apresentar. Ainda assim, achei melhor iniciar destacando: este almanaque é um processo reflexivo, e não o registro de uma reflexão. Antes de começar a escreve-lo, eu tinha um plano. A progressão de minha surdez era o ponto de partida, não havia muitas novidades; depois disso, contaria com algumas certezas acumuladas durante a pesquisa que antecedeu o gesto gráfico. Fui surpreendida por uma escrita que assumiu certa autonomia condutiva. Eu poderia ter me oposto e permanecido convicta, quis experimentar o fluxo – apesar dos riscos evidentes. Afinal, já estava chamando esta experiência de submersão. Refletir sobre a surdez é coisa que faço inevitavelmente desde que fui diagnosticada. Faz tanto tempo, não imaginei que seria tão difícil falar sobre ela. Acontece que a escrita revelou invisíveis e embaçou minha perspectiva. Eu tinha muito a dizer, de repente me percebi tendo que ouvir.

Para não me perder na fluidez imprevisível da submersão, sabia que precisaria de alguma garantia. Decidi ancorar-me à paisagem submarina: tudo partiria e retornaria aos elementos de seu cenário. Já faz um tempo, conheci Bellatin; escritor mexicano que não tem o antebraço direito. Depois que o li pela primeira vez, procurei alguma fotografia do autor (tenho esse tipo de curiosidade). Vi que ele costuma usar próteses, e que nenhuma tenta reproduzir o contorno de uma mão: em uma foto que encontrei, Bellatin usava um gancho. Aquela imagem em P&B me deixou um pouco hipnotizada. Ora, ele é um pirata! A ideia de preencher uma ausência no corpo com ficção me físgou e virou desejo. Eu já era surda na ocasião. Então, quando um amigo veio me contar sobre o caso de uma baleia que não podia ouvir, pensei que ali eu encontraria material para experimentar uma ficção para minha surdez. Seria assim: a Baleia, como personagem, conduziria toda a narrativa; eu já tinha esboçado seu trajeto. Refletir sobre a surdez através da surdez do animal. Logo enfiei os pés na água e vi que não conseguiria ficar imune. Eu estava seguindo aquele mamífero, e não o contrário.

“A baleia mais solitária do mundo”, como é conhecida. De repente, quando submergi na intensão de persegui-la, outros personagens foram surgindo. Ela não me

pareceu tão só. Fiz questão de me aliar àquelas companhias. Observando as novas figuras, outras perspectivas também foram aos poucos sendo reveladas. Lembrei dos axolotes, de Julio Cortazar. “Ia vê-los no aquário do Jardim das Plantas e ficava horas olhando-os, observando sua imobilidade, seus imperceptíveis movimentos. Agora sou um axolote”. Agora me sinto um pouco de cada figura com qual me relacionei durante a submersão; me sinto uma coleção de encontros: com a baleia, com a concha, o mar, e a sereia. Não tinha mesmo como seguir um roteiro, eu já não era mais a mesma.

A busca pela Baleia surda transformou (e desfigurou) a escrita num processo de devir. Como quando Moby Dick é perseguida pelo capitão Ahab, tomado pela desejo de ajuste de contas com o leviatã que havia devorado sua perna. Deleuze usa esse mesma relação como exemplo para falar sobre o devir animal. Ele diz ser necessário fazer aliança com o anômalo da espécie; aquele que se destaca, pela liderança ou pela curva, pelo afastamento da matilha. A baleia albina e a baleia surda: ambas compartilhando a borda de seu bando. Minha perseguição não era uma vingança, como a do capitão, mas tinha sim muito rancor. A escrita em seu desejo de submersão turvou meu pensamento; e apesar de sua racionalidade operacional, de alguma maneira, ela o afastou do humano durante o tempo da experiência. As novas alianças desestratificaram algumas convicções – um processo nada tranquilo, como achei que seria. A busca pela baleia surda revelou camadas silenciadas, era o momento de dar ouvidos a elas.

No período de preparação, anterior à escrita, eu ainda me vitimava pela deficiência auditiva; apesar de dizer que aquela não era minha intensão. Ao longo da pesquisa, me apeguei a algumas convicções que agregaram força ao meu discurso e criaram carcaças para minha fragilidade. Na construção/relação com o almanaque, percebi que nada daquilo havia sido realmente assimilado. Era tudo escudo. A escrita não me possibilitou continuar segura e convicta. Numa experiência reflexiva, que performou a dissolução de minhas carcaças, a honestidade deveria ser absoluta. Na maior parte do tempo foi doloroso. Transformar o pensamento e abrir mão das certezas, tudo isso um grande risco. Além do processo escuro e imprevisível, que impossibilitou qualquer segurança num resultado. Tive que confiar na fragilidade, apesar do medo.

Ainda aqui, é preciso manter a honestidade. Mesmo não estando em alto mar com os arpoadores, ou equilibrando um escafandro em minha cabeça, eu estava num mergulho intuitivo. Naveguei também virtualmente; essa metáfora ganhou grande

importância para mim quando percebi que eu podia lidar com a tecnologia, que me conectou a essas alianças durante o mergulho – aparentemente solitário – da pesquisa, como uma prótese para a ausência do mergulho literal. Confiando no que poderia ser um fracasso para essa escrita, que se queria também performativa. Assim como o gancho de Bellatin, as “redes” foram suporte para minha ficção. Vez ou outra tive que ir buscar fôlego no mar: geralmente quando os invisíveis ficavam impenetráveis na frente do computador, ou quando os mesmos se revelavam muito dolorosos em suas desconstruções. Transitei o tempo todo entre essas geografias.

O transito foi movimento constante. Foi assim que o mergulho revelou encontros não planejados. De repente, me vi diante de uma fábula submarina, e também da impossibilidade de me fixar a um gênero. As incertezas e flutuações que eu estava buscando não me levariam a nenhuma conclusão. Cruzei também essa fronteira; experimentei o relato, a ciência, a performance, a poesia. Cada encontro se manifestou de uma maneira, e eu arrisquei a confusão nas interseções. O transito entre as geografias e os meios, entre o mergulho e o fôlego, refletiu-se na escrita. A solução burocrática que encontrei para dar contorno, mesmo que movediço, a uma obra de corpo polimorfo, foi chama-la de almanaque. Não sei, mas me parece que essa palavra amplia as possibilidades e autoriza a pluralidade. Um almanaque pode ser uma coleção de todas as coisas – exatamente como meu corpo se sentiu depois de tantos encontros.

Dentro d’água foi preciso flutuar. Não só dissolver a forma e o contorno, mas também afastar-me de tudo que pudesse ser exato. O desejo motor era desconstruir um modelo de escuta, eu não podia cair na contradição de me fixar a qualquer outra coisa. Busquei as pluralidades – isso foi um percurso. Economizei palavras, apaguei e deixei buracos. O quê está presente nas ausências? Foi a pergunta que me fiz durante toda a escrita. Entendi que nas lacunas estão os infinitos. Nas lacunas onde encontrei personagens para essa narrativa submersa. Onde os encontros são férteis e permanecem em mergulho, agora com o fôlego do leitor.